



## ***O ARQUIVO E O REPERTÓRIO – PERFORMANCE E MEMÓRIA CULTURAL NAS AMÉRICAS, DE DIANA TAYLOR***

**Flávia Almeida Vieira  
Resende\***

\* flaviaskene@gmail.com  
Doutoranda em Literaturas Modernas e  
Contemporâneas e Mestre em Teoria da Literatura pelo  
Programa de Pós-graduação em Estudos Literários  
(Pós-Lit) – UFMG.

1. O livro recebeu, em 2003, o Prêmio de pesquisa em prática teatral e pedagógica e, em 2004, o Prêmio Katherine Singer Kovacs de melhor livro em culturas e literaturas latino-americanas e espanholas.
2. O instituto foi fundado em 1998, pelos professores Diana Taylor (New York University), Zeca Ligiéro (Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, Brasil), Javier Serna (Universidad Autónoma de Nuevo León, México) e Luis Peirano (Pontificia Universidad Católica del Perú). Realiza Encontros bienais – chamados Encuentros –, sendo que o primeiro foi realizado em 2000, no Rio de Janeiro. Atualmente, o Instituto tem a sua sede oficial na New York University, onde Diana Taylor leciona.

Dez anos após a sua publicação no original, chega ao Brasil *O arquivo e o repertório* (Editora UFMG, 2013, 430p.), premiado livro da pesquisadora Diana Taylor.<sup>1</sup> O trabalho é fruto das pesquisas e reflexões desenvolvidas por Taylor no Instituto Hemisférico de Performance e Política<sup>2</sup>, do qual é uma das fundadoras e membro do conselho diretor. Embora tenha uma série de comentários de “cotidianidades” e de performances, ou seja, de eventos que poderiam marcar um caráter efêmero, ou mesmo datado, o livro não perde sua atualidade após esses dez anos. Ao contrário, é justamente este um dos questionamentos que guiam a produção do livro: o que fica do que é passageiro? Ou, em outras palavras,

o que pode (e frequentemente precisa) permanecer daquilo que se inscreve no repertório, nas práticas não arquivais? Esse questionamento é de extrema importância para um dos campos que Taylor contempla em sua obra: os estudos hemisféricos/latino-americanos.

Taylor inicia o livro expondo seus pressupostos de análise, que entendem a performance tanto como um objeto/processo de análise, quanto como uma lente metodológica, como uma epistemologia, um modo de conhecer e de transmitir conhecimento. Essa clareza teórica é importante pela própria fluidez e amplitude que o conceito da performance proporciona, e pela hibridez de objetos abarcados pelos estudos

performáticos. Nos últimos anos, vemos se proliferarem estudos acadêmicos que utilizam do termo “performance” para tratar de diferentes áreas do conhecimento e mesmo da junção entre elas. Por exemplo, no campo da Letras, temos a escrita performática, e no campo transdisciplinar, a *performance art* (que une diferentes mídias e campos da arte). No caso dos estudos realizados por Diana Taylor, além de compreenderem a performance tanto como objeto quanto como modo de operar o conhecimento, podemos afirmar que ela transita pelos estudos transculturais e étnicos. E a autora faz ainda dois alertas em relação às abordagens contemporâneas da performance. O primeiro diz respeito à conhecida e perigosa oposição entre “nós” e “eles”, colocada aqui em questão no âmbito da leitura de performances do “Outro”, que não deve ser enquadrada nos próprios paradigmas daquele que analisa. O segundo se relaciona às leituras vanguardistas da performance, que tendem a considerá-la como algo novo, próprio do século XX, e ignorar as práticas históricas, tão próprias das sociedades hemisféricas.

Vemos, desde as primeiras páginas do livro, o tom “pessoal” que a autora dá às suas pesquisas e análises, descrevendo os eventos não com um pretenso distanciamento científico, mas oferecendo seu ponto de vista sobre eles – suas próprias fotografias, o dia exato em que assistiu a eles, suas impressões, a relação de sua filha com eles. Por exemplo, o capítulo que trata do 11 de setembro (o de 2001), evento que

influenciou e influencia ainda hoje uma série de comportamentos e procedimentos de segurança e migração, é tratado de forma surpreendentemente pessoal: Diana, professora da New York University, estava na cidade no dia do atentado e usa as próprias fotografias e as próprias memórias para tratar do tema. Ao lado desses registros, menciona reportagens retiradas de jornais, como o *New York Times*.

Trata-se uma escolha consciente e relacionada aos estudos performáticos, uma vez que Taylor entende que “nós aprendemos e transmitimos o conhecimento por meio da ação incorporada, da agência cultural e das escolhas que se fazem”.<sup>3</sup> De forma análoga, as performances só podem ser entendidas na “estrutura do ambiente imediato e das questões que as rodeiam”.<sup>4</sup> Tal entendimento diz respeito, portanto, a algumas questões-chave do livro: a incorporação, ou seja, o papel do corpo na transmissão do conhecimento, e a espacialidade e a temporalidade dos acontecimentos e de suas análises, que influenciam diretamente nas performances.

Quanto à noção de temporalidade, se a performance é associada a um acontecimento efêmero, do campo do repertório e da transmissibilidade corporal e presente, e não do arquivo e da fixidez da escrita, ela, no entanto, não diz respeito apenas ao presente, mas também ao passado e ao futuro. Diana Taylor postula, já nas primeiras páginas do livro, a questão fundamental que percorrerá toda a obra e voltará nas últimas páginas: “De quem são as memórias, tradições e

3. TAYLOR. *O arquivo e o repertório* – Performance e memória cultural nas Américas, p. 17.
4. TAYLOR. *O arquivo e o repertório* – Performance e memória cultural nas Américas, p. 29.

5. TAYLOR. *O arquivo e o repertório* – Performance e memória cultural nas Américas, p. 30.
6. TAYLOR. *O arquivo e o repertório* – Performance e memória cultural nas Américas, p. 268.
7. TAYLOR. *O arquivo e o repertório* – Performance e memória cultural nas Américas, p. 27.
8. *Apud* TAYLOR. *O arquivo e o repertório* – Performance e memória cultural nas Américas, p. 27.

reivindicações à história que desaparecem se falta às práticas performáticas o poder de permanência para transmitir conhecimento vital?”<sup>5</sup>, ou em outras palavras: “o que está em risco politicamente ao se pensar sobre o conhecimento e a performance incorporados como aquilo que desaparece?”<sup>6</sup>. Sabemos que a cultura letrada é por vezes a única valorizada no campo das ciências, e que os arquivos são o meio tido como mais “fiável” quando se trata da transmissão da história e da memória. Isso tem sido amplamente questionado nos estudos históricos, justamente após eventos traumáticos do século XX, principalmente a *Shoah* (de que, aliás, pelo próprio marco geográfico do livro, a autora não trata), e da proliferação de testemunhos desses eventos. Como impedir o apagamento ou o negacionismo em torno desses eventos (como é o caso dos inúmeros desaparecimentos sob governos ditatoriais na América Latina), ou mesmo de povos que não se estruturam por meio da cultura letrada? A consideração das performances e das práticas de repertório é, portanto, fundamental para os estudos hemisféricos; elas funcionam, nas palavras de Taylor, como “atos de transferências vitais”<sup>7</sup>.

Taylor percorre, então, uma série dessas performances que pretendem presentificar, reiterar – para retomar a definição de Richard Schechner<sup>8</sup> para performance: “comportamento reiterado” – memórias traumáticas, o processo de formação étnica do continente americano e diferentes formas

de relacionar o conhecimento e a incorporação. Os títulos dos dez capítulos que compõem o livro dão uma ideia panorâmica da diversidade de performances/acontecimentos abarcados pelas análises da autora, motivo pelo qual pensamos ser relevante citá-los, juntamente com os subtítulos: 1. Atos de Transferência; 2. Roteiros do descobrimento: reflexões sobre a performance e a etnografia; 3. A memória como prática cultural: mestiçagem, hibridismo, transculturação; 4. A raça cosmética: Walter Mercado performatiza o espaço psíquico latino; 5. Identificações falsas: as minorias choram por Diana; 6. “Você está aqui”: H.I.J.O.S. e o DNA da performance; 7. Encenando a memória traumática: Yuyachkani. 8. Denise Stoklos: a política da decifrabilidade; 9. Perdidos no campo de visão: testemunhando o 11 de setembro; 10. Performances hemisféricas.

Taylor percorre, portanto, as “trilhas” do descobrimento e da formação étnica para compreender o lugar da performance na cultura hemisférica e o lugar dos estudos culturais neste continente. Passa também por figuras que marcam uma identificação de raça ou de comportamento, como Walter Mercado, a figura de El Indio no México, e mesmo a princesa europeia Diana. Taylor analisa ainda as performances dos filhos de desaparecidos políticos na Argentina, os H.I.J.O.S., apontando as diferenças e semelhanças entre estas e as performances das Madres de Plaza de Mayo. Analisa o trabalho

do grupo peruano de teatro Yuyachkani e sua forma de lidar, por meio da performance, com a memória traumática do país. Pensa o trabalho da brasileira Denise Stoklos, entendendo a importância da ambiguidade e da “indecifrabilidade” na cultura latino-americana. E, por fim, faz o seu relato analítico/pessoal do 11 de setembro e de outras performances cotidianas nos Estados Unidos (que Taylor considera parte de seu marco geográfico: os “estudos hemisféricos”).

É justamente essa imbricação ou retroalimentação entre o repertório e o arquivo que o livro de Diana Taylor contempla em sua escrita, e é essa a maior contribuição que acreditamos que ela traz no campo da teoria (tanto literária, quanto étnica e cultural). Não mais apenas a abertura do olhar para a performance (as marcas de autoria/corporeidade em um texto, as irrupções do real na ficção, por exemplo), como muitas pesquisas atuais tentam fazer, mas conjugar esses dois campos – a cultura letrada e a não letrada, o arquivo e o repertório. Essa busca tem a função indispensável de preencher lacunas na compreensão histórica de nosso continente e fornecer outros parâmetros para a produção de conhecimento.

#### REFERÊNCIAS

HEMISFERIC Institute – Instituto Hemisférico de Performance & Política. Disponível em <http://hemisphericinstitute.org/hemi/pt/historia>. Acesso em 05 mar. 2013.